

## SAÚDE MENTAL NA ESCOLA: UMA AÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

**CAIQUE SOVERAL FULCO DE SANTANA<sup>1</sup>;** **ANE KARINE RASIA BUENO<sup>2</sup>;** **LUÍS HENRIQUE OLIVEIRA DE MOURA<sup>2</sup>** **DINARTE BALLESTER<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Medicina – [caiquesoveral@gmail.com](mailto:caiquesoveral@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Medicina – [anekrb@gmail.com](mailto:anekrb@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Medicina – [luis10.henrique@hotmail.com](mailto:luis10.henrique@hotmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Medicina – [ballester.dinarte@gmail.com](mailto:ballester.dinarte@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O projeto tem como objetivos o desenvolvimento e avaliação de uma estratégia de capacitação sobre saúde mental na infância e adolescência para educadores e alunos do Ensino Fundamental, verificar a construção de conhecimentos e a mudança de atitudes dos participantes em relação à saúde mental, e desenvolver material de apoio para a construção de conhecimentos para professores e alunos, a fim de facilitar a multiplicação da intervenção em outros contextos.

Tem origem em um modelo desenvolvido no Canadá pelo Prof. Stan Kutcher e colaboradores e um estudo piloto realizado numa escola em Porto Alegre, para adaptação dos materiais ao contexto cultural e idiomático sul-brasileiro. Pressupõe que um programa educacional sobre saúde mental de crianças e adolescentes pode aumentar o nível de conhecimento e modificar atitudes de educadores sobre os problemas mentais, repercutindo nos conhecimentos e atitudes das crianças e adolescentes da comunidade escolar em relação a estes problemas.

Ao contrário da crença de que a infância é uma fase da vida invariavelmente feliz, dados epidemiológicos recentes alertam que 10 a 20% das crianças e adolescentes brasileiros apresentam algum tipo de transtorno mental. Um desses estudos envolvendo jovens de 7 a 14 anos vivendo na região sudeste do Brasil constatou que 1 a cada 8 alunos matriculados na escola tem algum tipo de transtorno que justifica a necessidade de atendimento especializado, sendo mais frequentes os problemas de conduta, de atenção / hiperatividade e de aprendizagem (FLEITLICH-BILYK, B.; GOODMAN, R., 2004). Além da alta prevalência, o impacto das doenças mentais aferido por um indicador de incapacidade por doença, a “carga de doença” (*Global Burden of Disease*) é

considerado o mais devastador entre os problemas médicos na população dos 10 aos 24 anos. A situação no Brasil é particularmente alarmante, se considerarmos a proporção continental do país e as claras diferenças culturais entre as regiões. São escassos os especialistas, os recursos e os centros destinados ao atendimento dessa população (PAULA, C.S.; DUARTE, C.S.; BORDIN, I.A., 2007).

Na escola, estudos demonstram que jovens afetados por doenças mentais apresentam pior aprendizado, maiores taxas de evasão e maior envolvimento com problemas legais (BIEDERMAN, J.; PETTY, C.R.; FRIED, R. et al., 2008; KUTCHER, S; MCDOUGALL, A., 2009), e a demanda de jovens com algum tipo de problema vem sobrecarregando educadores que, nos últimos anos, passaram a apresentar altos índices de afastamento do trabalho. Além disso, a falta de informação e suporte especializado vem gerando ansiedade, atuando como um relevante fator de distorção do olhar do professor, que passa a considerar como transtorno o que não é, e vice-versa. Além disso, pesquisas recentes apontam que uma grande parcela dos encaminhamentos feitos ao sistema de saúde por escolas são equivocados, gerando desperdício dos já escassos recursos terapêuticos.

Apesar de diversos autores referirem que os professores encontram-se em uma posição privilegiada para identificar alunos com sinais de problemas de saúde mental, poucos estudos demonstram a necessidade de educação dos professores para que melhor executem essa função. Uma pesquisa realizada em nove países, inclusive no Brasil, demonstrou que uma campanha de conscientização pode modificar o conhecimento e as atitudes com relação a problemas de saúde mental (HOVEN, C.W. et al., 2008).

## 2. METODOLOGIA

O projeto está sendo desenvolvido em duas fases. A primeira, em andamento, inclui reuniões de planejamento e elaboração de materiais educacionais pela equipe do projeto e um curso de atualização em saúde mental para os professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Círculo Operário Pelotense, contando com cerca de 15 participantes. Outra escola participa no Município de Rio Grande, em parceria com a Universidade Federal do Rio

Grande. O método de avaliação se baseia na observação participante, com registro em diários de campo. Na próxima fase a equipe do projeto irá interagir também com os estudantes, mantendo a observação e propondo grupos focais.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento foram realizados 3 encontros com os professores, através de atividades expositivo-dialogadas, sobre os temas “estigma dos problemas mentais”, “saúde e doença mental” e “identificando sinais dos transtornos mentais”; estão programados outros cinco encontros.

A adesão dos professores à proposta do projeto tem sido efetiva, através da participação nas discussões sobre os temas, expondo situações que vivenciam no dia-a-dia da Escola e seus próprios conhecimentos. Alguns professores já iniciaram atividades com os seus alunos, através de conversas em sala de aula, e refletem sobre a inserção desses conteúdos no currículo escolar.

A equipe do projeto tem desenvolvido suas habilidades no sentido de adaptar conhecimentos baseados nas melhores evidências científicas sobre saúde mental na infância e adolescência ao contexto da Escola e das condições sociais das crianças e adolescentes, procurando em parceria com os professores uma linguagem adequada.

Atualmente a equipe está incorporando novos participantes, aberta à inserção de alunos e professores de outros Cursos da UFPel e outras instituições.

### 4. CONCLUSÕES

A educação para saúde mental em escolas do Ensino Fundamental, assim como em outros níveis educacionais, é pouco praticada embora necessária. O projeto tem se inserido no contexto da Escola para colaborar na construção de novos materiais e metodologias educacionais, tendo em vista a melhora da saúde mental das crianças e adolescentes.

### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FLEITLICH-BILYK, B.; GOODMAN, R. Prevalence of child and adolescent psychiatric disorders in southeast Brazil. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*, v.43, n.6, p. 727-34, 2004.

2. PAULA, C.S.; DUARTE, C.S.; BORDIN, I.A. Prevalence of mental health problems in children and adolescents from the outskirts of São Paulo City: treatment needs and service capacity evaluation. **Rev Bras Psiquiatr**, v.29, p. 11-17, 2007.
3. BIEDERMAN, J.; PETTY, C.R.; FRIED, R. et al. Educational and occupational underattainment in adults with attention deficit/hyperactivity disorder: a controlled study. **J Clin Psychiatry**, v. 69, n.8, p. 1217-22, 2008.
4. KUTCHER, S; MCDOUGALL, A. Problems with access to adolescent mental health care can lead to dealings with the criminal justice system. **Paediatr Child Health**, v.14, p. 15-18, 2009.
5. HOVEN, C.W. et al. Worldwide child and adolescent mental health begins with awareness: a preliminary assessment in nine countries. **Int Rev Psychiatry**, v.20, n.3, p. 261-70, 2008.